

GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Tâmara Amaral Santos

tamara.amaral15@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3961016652189089>

RESUMO

Este artigo aborda a perspectiva atual da educação no cenário globalizado, informatizado e tecnológico. Tem como objetivo analisar o trabalho com os gêneros digitais nas aulas de língua portuguesa mediada pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa bibliográfica buscando, nas acepções de Bakhtin (2006), Buzato (2007), Lévy (2004), Marcuschi (2008), entre outros, compreender como o uso das TDIC auxiliam nos processos de construção do conhecimento. Percebeu-se que a escola não pode mais prescindir das novas tecnologias no contexto educativo. Contudo, o uso apenas instrumental dos recursos tecnológicos não garante a transformação pedagógica desejada. Concluiu-se que o trabalho com os gêneros textuais digitais (*chat, fanfiction, blog, E-Fórum e e-mail* a serviço das práticas de leitura e escrita) aprofunda os conhecimentos dos educandos para o letramento digital, sendo imprescindível que os alunos façam uso crítico dessa linguagem enquanto leitores inseridos em um mundo globalizado.

Palavras-chave: TDIC. Letramento Digital. Sequência didática. Gêneros digitais.

Já se passaram duas décadas após Gadotti (2000, p. 3) considerar que “as transformações tecnológicas tornaram possível o surgimento da *era da informação*” e hoje vislumbramos em diferentes setores da atividade humana (educação, trabalho, saúde, lazer e muito mais) os efeitos da inserção dos seres humanos na chamada “era da informação”.

O perfil do aluno do século XXI é o de estudante familiarizado com o ciberespaço. Este aqui entendido como lugar do encontro da heterogeneidade cultural. A internet possibilitou com imagens, sons e textos variados, o acesso a um infinito conteúdo religioso, científico, político, educacional, entre outros. Ela é meio de informação, de interação e de comunicação.

Ao perfil do professor estende-se o desafio de ensinar com tecnologias diversas, o que já se faz inclusive, mas os educadores precisam saber fazer também a mediação do conhecimento através de um roteiro de aulas em ambientes virtuais de aprendizagem,

ampliando o trabalho com as TDIC no intuito de efetivar os saberes. Essas novas ferramentas podem estimular os alunos a uma melhor assimilação e compreensão do mundo e de suas próprias identidades pessoais e profissionais.

Refletindo sobre esse assunto, trazemos como tema deste artigo a importância do trabalho com os gêneros textuais digitais nas aulas de língua portuguesa fomentados pelo uso das TDIC. Compreendemos que a educação mediada pelas tecnologias e estas no cotidiano escolar possibilitam a renovação da escola tradicional. A internet, neste cenário, pode constituir um espaço virtual de encontro de culturas e conhecimentos. Assim, as principais questões que norteiam este trabalho estão relacionadas ao papel desempenhado pelo educador frente ao uso das TDIC com o trato dos gêneros textuais digitais no âmbito de ensino de língua portuguesa. Que seriam:

Os professores e os alunos estão realizando juntos a sua própria inclusão digital? De qual maneira e com quais objetivos?

Os educadores compreendem e dominam as novas linguagens que emergem do uso das tecnologias para ensinar os educandos o uso democrático das mesmas?

Os docentes estão conseguindo utilizar adequadamente as TDIC disponíveis na escola enquanto desenvolvem seu trabalho pedagógico com os gêneros textuais digitais?

Diante das questões expostas, temos com este estudo o objetivo de analisar o trabalho com os gêneros digitais nas aulas de língua portuguesa mediado pelas TDIC. Uma vez que é primordial ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem levando em consideração a crescente presença de recursos tecnológicos nas escolas. De acordo com Martins,

[...] a internet e, conseqüentemente, a sua popularização, fez surgir um novo tipo de letramento, o chamado letramento digital. Esse, por sua vez, fez surgir os chamados gêneros digitais (*e-mail, blog, chat, aula virtual, listas de discussão, fóruns, comentário virtual, perfil virtual etc.*). (MARTINS, 2016, p. 24).

O uso de equipamentos, softwares e mídias contribuem para a interação digital dos educandos com os conteúdos, além de despertar a curiosidade e contribuir para o desenvolvimento cognitivo. O contexto de profissionais imigrantes e nativos digitais diante

dos usos das tecnologias digitais na educação requer de tais profissionais constante atualização. É importante que os educadores conheçam as tendências mais atuais da educação para estreitar o relacionamento com os discentes.

Considerando o tema abordado, bem como a problemática apresentada e objetivo proposto, desenvolvemos este trabalho através de pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos, teses e dissertações disponíveis na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A fundamentação teórica deste artigo consiste nas acepções dos autores Buzato (2007), Mafra e Coscarelli (2013) e Lévy (2004). As discussões a respeito de gêneros textuais se apoiam nos autores Bakhtin (2006) e Marcuschi (2008), entre outros.

O cenário atual requer repensar a educação, no tocante as suas metodologias de ensino e recursos didáticos, em virtude da importância da adoção de recursos tecnológicos no intuito de favorecer a construção da aprendizagem e encontrar soluções para os diversos desafios da ação pedagógica. Para Lévy (2004, p.40) “[...] a multimídia interativa, graças à sua dimensão reticular ou não linear, favorece uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, face ao material a ser assimilado. É, portanto, um instrumento bem adaptado a uma pedagogia ativa.”. As tecnologias digitais da informação e comunicação estão cada vez mais presentes na escola. De acordo com Mafra e Coscarelli:

Atualmente, os resultados da pesquisa desenvolvida (MAFRA; MOREIRA, 2012) apontam para relações menos pessimistas entre professores e NTIC do que as identificadas em décadas anteriores. Na referida pesquisa, os professores declaram conhecer os recursos básicos do computador, declaram saber acessar a internet, administrar o envio e recebimento de *e-mails*, produzir apresentações em PowerPoint, por exemplo, mas externam a carência de uma melhor formação que articule esse conhecimento básico a uma renovada dimensão do ensino de Língua Portuguesa: seriam hoje, portanto, semiletrados em busca de um letramento digital pleno. (MAFRA; COSCARELLI, 2013, p. 903).

A partir destas constatações, entendemos que há um caminho a ser percorrido pelos profissionais da educação nesse contexto e concordamos com Buzato (2007, p. 15) quando afirma que “não estamos em mundos à parte, mas juntos num mesmo mundo que agrega ou segrega pessoas por meio da linguagem, das suas tecnologias e das suas

escolhas”. Assim, é importante para o professor compreender e dominar as linguagens que emergem do uso das tecnologias e educar os alunos para o uso democrático das mesmas. Enfatizamos que não se trata apenas de superar o analfabetismo tecnológico, mas possibilitar as partes envolvidas aprender, reorganizar e ressignificar o conhecimento.

O conhecimento é o grande capital da humanidade. Não é apenas o capital da transnacional que precisa dele para a inovação tecnológica. Ele é básico para a sobrevivência de todos e, por isso, não deve ser vendido ou comprado, mas sim disponibilizado a todos. Esta é a função de instituições que se dedicam ao conhecimento apoiado nos avanços tecnológicos. Espera-se que a educação do futuro seja mais democrática, menos excludente. (GADOTTI, 2000, p.8).

Martins e Maschio (2014) mostraram que as tecnologias disponíveis nas escolas municipais públicas paranaenses, em uma pesquisa realizada no ano de dois mil e treze, eram computador, netbooks e lousas digitais. Na opinião dos professores da pesquisa, a tecnologia digital empregada enriquece as aulas, proporciona aprendizagem lúdica, facilita a aprendizagem e ainda provoca medo e insegurança. Quando os docentes foram questionados sobre a apropriação das tecnologias digitais, eles informaram que as utilizam complementando o conteúdo, planejando as aulas e também as integrando ao trabalho diário da sala de aula. Além disso, mostrou-se que os docentes pesquisados não receberam formação inicial.

Nesta direção, entende-se que a transformação pedagógica a partir das novas tecnologias na sala de aula não é garantida somente pela inserção dos recursos digitais na escola, mas aos modos como os sujeitos escolares representam, se apropriam e recriam novas práticas. (MARTINS; MASCHIO, 2014, p. 18).

Cavalcante (2007) pesquisou em três escolas públicas estaduais de Ensino Médio da Educação Básica do ensino regular, integral e semi-integral de Petrolina-Pernambuco, em dois mil e dezesseis, com educadores em regência de classe, no intuito de saber como as TDIC vêm sendo utilizadas na prática docente. Os dados da pesquisa mostraram que a incorporação das TDIC está presente em 42,2% nas rotinas escolares pesquisadas e ainda 55,5% dos professores pesquisados reconhecem que há incentivo por parte das suas respectivas escolas para que eles utilizem os recursos tecnológicos disponíveis. Percebemos quão relevante é o educador em todo processo de ensino-aprendizagem. Freitas (2010) afirma que não basta ter recursos nas escolas, mas é preciso que os

indivíduos saibam utilizá-los, recebam as informações postas de maneira crítica, isto é, sejam letrados digitais, produtivos, críticos e criativos. Então, temos uma postura esperada pelos educadores e educandos que estão inseridos nesse processo que é de pessoas conhecedoras da linguagem digital.

Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar. Quando digo integrar é porque o que se quer não é abandono das práticas já existentes, que são produtivas e necessárias, mas que a elas se acrescente o novo. Precisamos, portanto, de professores e alunos que sejam letrados digitais, isto é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la passivamente. O esperado é que o letramento digital seja compreendido para além de um uso meramente instrumental. (FREITAS, 2010, p. 340).

Os autores Buzato (2007) e Freitas (2010) concordam nesse aspecto relacionado às questões de linguagem e letramento na inclusão digital e sua importância para a formação de professores.

Dito de outra forma, creio que o processo de formação de professores no País deveria, dentro do possível, contemplar outros sentidos para as TIC em suas vidas, que não somente aqueles impostos pela burocracia escolar e pelos currículos oficiais. Especialmente, dever-se-ia pensar no professor em formação como intérprete crítico das TIC e das mensagens que por elas circulam, e como futuro mobilizador de letramento digitais críticos. Penso que isto seria um primeiro passo para a construção de uma comunidade de prática dentro da qual professores e alunos pudessem realizar, juntos, a sua própria inclusão digital, se assim o desejarem, e que o pudessem fazer da maneira menos subalterna, responsiva e reprodutora possível. (BUZATO, 2007, p.247).

Seguimos por essa linha de raciocínio visto que é essencial a inclusão digital na educação, almejando nesse percurso uma apropriação produtiva e crítica conciliando os saberes de todos os participantes para a aquisição de novas linguagens facilitadas pelas TDIC. E nada mais propício para se trabalhar a língua do que os gêneros textuais. A respeito desse assunto, Marcuschi (2008) afirma que:

A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem, e todos os nossos textos situam-se nessas vivências estabilizadas em gêneros. Nesse contexto, é central a idéia de que a língua é uma atividade sociointerativa de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade. (MARCUSCHI, 2008, p. 163).

Esta ideia também foi defendida por Bakhtin (1997) em “Estética da Criação Verbal”, porque, para esse autor, a utilização da língua, a comunicação verbal, só é

possível por algum gênero do discurso (orais e escritos). Ou seja, tudo que é apresentado linguisticamente é feito em algum gênero. Remetendo-nos as palavras de Marcuschi (2010, p.21) “[...] um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade na escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita”. Isso deve ser levado em consideração pelo professor no ensino de língua portuguesa, pois se a mídia virtual valoriza a linguagem escrita, o educador deve estar atento para explorar também a linguagem oral. Tendo em vista que o trabalho conjunto dos gêneros orais e escritos objetiva trazer para as aulas a possibilidade de ampliar as habilidades de leitura e escrita para o letramento digital.

Martins (2016, p. 27) deixa claro que “[...] não se trata aqui de substituir uma habilidade de leitura e escrita (texto impresso) por outra (texto digital), nem tampouco de hipervalorizar a leitura/escrita do texto digital em detrimento do impresso”. Sendo assim, o que se espera com o trato dos gêneros digitais na escola é aprofundar o conhecimento dos mesmos a serviço da compreensão e produção textual. Para Bakhtin (2006, p. 115) “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”, dessa maneira, a compreensão do interlocutor e a produção do locutor a partir dos gêneros digitais nas atividades propostas pelo educador é:

ensinar as características discursivas de diferentes gêneros e não apenas requerer a sua elaboração e o seu uso descontextualizados; há uma compreensão de que a atividade escrita precisa fazer sentido para o aluno e não constituir-se em um mero exercício vazio de significado. (MARCUSCHI, 2007, p. 71 apud MARTINS, 2016, p. 18).

Para tal, as sequências didáticas podem ser utilizadas no intuito de integrar as atividades desenvolvidas com os gêneros textuais. Para Martins (2016, p. 86) “aqui no Brasil, o trabalho com os gêneros discursivos na escola, a partir de sequências didáticas, teve início com a divulgação das obras dos pesquisadores Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly”. Segundo Marcuschi apud Martins (2006, p. 88) “a proposta de trabalho com sequências didáticas concebe a língua como um conjunto de práticas sociais e vê os gêneros discursivos nessa mesma perspectiva”.

A educadora Pereira (2014, p. 89) apresenta os parâmetros para identificação dos gêneros no meio virtual e propõe o uso de sequências didáticas com o blog. Percebemos,

na elaboração das aulas sugeridas pela pesquisadora, uma preocupação com a variação linguística quando ela aborda as variações diatópica e diastrática. Existe a exploração da leitura de textos atuais como as crônicas e também a produção dessas para posterior publicação no blog.

Após a publicação do blog, a educadora promove ações para divulgação do mesmo via Facebook e Twitter considerando que estes, para Pereira (2014, p.149), “são eficientes maneiras de disparar uma informação, um conteúdo e torna-lo visível.”. Na sequência didática é possível integrar uma gama de conteúdos da língua portuguesa e interagir, evidentemente, com as TDIC, como foi exemplificado pela sequência didática sugerida pela autora citada.

O chat ou bate-papo virtual é um gênero digital que deve ser bem organizado para que os participantes, educadores e educandos, compreendam o assunto e não fiquem dispersos na comunicação. Trata-se de um gênero marcado pela oralidade, tentando reproduzir a conversa face a face. Tema de discussão, ordem de intervenção e horário de acesso bem definidos ajudam a organizar o trabalho com o gênero em questão. A sala de bate-papo virtual é espaço de interação síncrona e nela podem ser debatidas diferentes temáticas de forma colaborativa.

Outro gênero que pode ser trabalhado nas aulas de língua portuguesa é a fanfiction.

As fanfictions, fanfics ou ainda fics, são histórias produzidas por fãs, baseadas em livros, filmes, seriados, quadrinhos, dentre outros. Geralmente envolvem os cenários, os personagens e as tramas da obra original, ou ainda fazem o cruzamento de duas ou mais obras, misturando de forma harmônica seus enredos e personagens, para compor uma nova história. (ALENCAR; ARRUDA, 2007, p.89).

Para escrever uma fanfiction o autor/aluno precisa conhecer a obra original e explorar com criatividade a intertextualidade. As narrativas ficcionais também podem ser trabalhadas no ensino de língua portuguesa de modo que os alunos possam participar do processo criativo de novas narrativas, interagir com outros alunos/fãs, ler obras, comentar as fics, entre outras possibilidades. Para Clemente (2016, p. 1717) as fanfics “movimentam o grupo virtual em processo contínuo de inferências, comentários,

discussões, polêmicas, elogios e recomendações entre os leitores fãs de ficção e escritores fãs de ficção imersos no universo ficcional.”.

Continuando com as possibilidades de gêneros que podem ser trabalhados nas aulas de língua, temos o E-Fórum (*FE*) ou fórum virtual. Este incentiva a discussão e o aprofundamento da temática abordada pelo professor em sala de aula. Diferentemente do chat, aqui percebemos que há necessidade de uma escrita mais elaborada, bem estruturada e revisada.

Este é um gênero emergente que poderia ser bastante explorado pela escola. Os professores de língua portuguesa poderiam utilizar este gênero digital para dinamizar suas aulas de produção textual. [...] A participação constante dos alunos em *FE* tende a ampliar sua capacidade de argumentar sobre temas diversos, levando-os a aprender a refletir dialeticamente sobre as diversas opiniões e construir sua própria síntese sobre as questões em discussão. [...] Desta forma, os *FE* são mega ferramenta para desenvolver nos aprendizes a necessária habilidade de construir pontos de vista e defende-los convicentemente. (XAVIER; SANTOS, 2005, p. 37-38).

O fórum virtual desenvolve as capacidades de leitura, escrita e interação entre os participantes, apesar de ser um gênero digital assíncrono, ou seja, o conteúdo do assunto estudado é colocado no fórum, em seguida são elaboradas as respostas para participação no debate e futuramente estas são disponibilizadas no fórum pelos participantes.

A sugestão de sequência didática por Martins (2016) corrobora ainda mais nesse aspecto de utilização dos gêneros digitais em sala de aula. Trata-se aqui do gênero textual digital e-mail. Notamos, na proposta apresentada por essa autora, uma preocupação com a adequação da linguagem (formal e informal) em diferentes situações de produção do e-mail de acordo com os destinatários da mensagem. Martins (2016, p.98) destaca que “assim, os alunos podiam fazer uso de uma linguagem mais informal no e-mail destinado aos colegas de classe, e de uma linguagem mais formal no e-mail destinado à professora-pesquisadora.”. Além disso, a pesquisadora contribuiu, em sua sequência didática, para que os educandos utilizassem o e-mail atendendo ao seu propósito comunicativo. Permitiu que os alunos explorassem recursos de áudio, vídeo, links, entre outros disponíveis para envio e recebimento de arquivos nesses diferentes formatos através do e-mail. Possibilitou, ainda, que os discentes trabalhassem com as

ferramentas de edição no corpo do e-mail e usassem os emoticons nas mensagens virtuais enviadas/recebidas.

Os gêneros textuais elencados neste artigo são sugestões dentre a gama disponível na web e os docentes podem proporcionar aos alunos diferentes situações comunicacionais nesse diálogo entre o verbal e o audiovisual presente nos hipertextos da internet.

Conclusões

A relevância da utilização das TDIC demonstradas neste trabalho por meio das opiniões de teóricos do assunto nos faz concluir que o uso das TDIC, integrado ao trabalho diário do professor, proporciona novas formas de aprendizagem como foi demonstrado através dos gêneros digitais como blog, e-mail, fanfiction, E-Fórum e chat.

É fundamental o envolvimento do educador e do aluno na discussão a cerca dos efeitos da utilização das TDIC, na formação de uma mentalidade crítica, livre, aberta e ampla, possibilitando, assim, experiências educacionais voltadas para a autonomia do pensamento e da criatividade. Dessa forma, a imagem que os alunos formarão de si passará pela avaliação do impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação quando eles forem capazes de fazer uso responsável dessa linguagem que emerge enquanto leitores em um mundo globalizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Daniele Alves; ARRUDA, Maria Izabel Moreira. **Fanfiction**: uma escrita criativa na web. Perspectivas em Ciência da Informação. Belo Horizonte, v. 22, n.2, p. 88-103, abr./jun. 2017. Disponível em:< https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362017000200088&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 27 abr. 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Entre a fronteira e a periferia**: linguagem e letramento na inclusão digital. 2007. 284f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

CAVALCANTE, Josineide de Lira Soares. **Inserção das tecnologias digitais de informação e comunicação em escolas públicas de ensino médio de Petrolina-PE**. 2017. 87f. Dissertação (Mestrado em Gestão nas Organizações Aprendentes) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão nas Organizações Aprendentes, João Pessoa.

CLEMENTE, Bianca Jussara Borges. **A cultura participativa e as práticas de letramentos de fãs de ficção**: uma investigação empírica. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v.11, n.3, p.1710-1726, 2016. Disponível em:<<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9069/5965>>. Acesso em: 09 abr. 2020.

FREITAS, Maria Tereza. **Letramento digital e formação de professores**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.26, n.3, p.335-352, dez. 2010. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300017>. Acesso em: 08 abr. 2020.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo em Perspectiva, v.14, n.2, p.3-11, abr./jun. 2000. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002>. Acesso em 15 abr. 2020.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2004.

MAFRA, Núbio Delanne Ferraz; COSCARELLI, Carla Viana. **Linguagem, NTIC e a sala de aula**: o que propõem as pesquisas de intervenção. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, v.13, n.3, p.889-917, jul./set. 2013. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982013000300011&lang=pt>. Acesso em: 24 abr. 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-80.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Claudiane Maciel da Rocha. **Gêneros digitais no livro didático de Língua Portuguesa: uma presença possível.** 2016. 144f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade da Paraíba, Guarabira.

MARTINS, Onilza Borges; MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **As tecnologias digitais na escola e a formação docente:** representações, apropriações e práticas. Revista Electrónica Actualidades Investigativas em Educación. San José, v.14, n.3, p.1-21, set./dez. 2014. Disponível em:<https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-47032014000300020&lang=pt>. Acesso em: 07 abr. 2020.

PEREIRA, Cátia Luciana. **Novas tecnologias e ensino de Língua Portuguesa:** a pedagogia do digital na educação linguística. 2014. 169f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

XAVIER, Antônio Carlos; SANTOS, Carmi Ferraz. E-Fórum na internet: um gênero digital. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Org.). **Interação na internet:** novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Possui graduação Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco (2013). Pós-graduada em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2019). Atualmente está cursando uma Especialização em Linguística Aplicada na Educação. Trabalha na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.